

Gênesis – 09:25 – Priscila Rezende

Saldo de Performance

23 de julho de 2015

Galeria de Arte – BDMG Cultural

Por Ana Luisa Santos

A performance de Priscila Rezende no Saldo de Performance apresentou uma grande provocação para o público que testemunhou a ação. A artista ocupou a área externa que existe na parte detrás da galeria, de onde podemos ver as torres da Igreja de Lourdes e outros edifícios do entorno. Ao chegarmos no espaço, encontramos a performer já em ação. Com a cara para o muro, de costas para o público, com o torso nu e descalça, Priscila estava amarrada por uma corda em um gancho suspenso no alto do grande paredão de pedra que faz limite nesse espaço limite do prédio. A performer permaneceu nesse estado durante toda a ação. Como uma escultura, ela sustentou uma grande quantidade de energia mesmo em sua imobilidade, e às vezes era possível ouvir sua respiração ou seu choro. Enquanto isso, percebíamos diversos sons que compuseram aquele lugar durante o trabalho. Helicópteros, sons de alarmes, de carros, caminhões, sons maquínicos de portões de garagem, portas abrindo e fechando na parte interna da galeria que dá janela para onde estávamos. Havia também uma trilha sonora mais íntima. Do fundo do edifício residencial que é vizinho à área externa da galeria e fica rente ao paredão onde se encontrava a artista, muitas janelas de quartos, áreas de serviço, escadas de apartamentos por mais de 10 andares. Ouvimos um aspirador de pó, portas batendo e uma trilha completa de um jantar preparado no microondas: movimentos de talheres, pratos, poucas vozes. Ouvimos também os sinos da igreja, que às 20 horas badalaram oito vezes. Nesse instante, outro performer trajado socialmente entrou no espaço e açoitou com um enorme terço de madeira o torso de Priscila, na mesma quantidade das batidas do sino. Repetiu essa ação nos outros quartos de hora, quando o sino da igreja marca os intervalos de 15 minutos. Durante todo o período, além do frio de

uma noite de inverno, experimentamos o desafio de um tipo de testemunho que a performance pode nos impor ou, por vezes, exigir, inclusive quando a performance chegou às 21 horas e o outro performer, convidado por Priscila, açoitou por nove vezes o corpo da artista. É difícil de compreender a relação que se estabeleceu na ação proposta. Estamos assistindo a um tipo de violação – corporal, simbólica – e somos impelidos a cada instante a decidir o que devemos fazer diante do que estamos vendo, durante todo o tempo da performance. Desde o lugar que ocupamos, sentados ou em pé como público, se permanecemos nele ou se buscamos um outro ponto de vista. Se trocamos de lugar. Se experimentamos atravessar. Exercer um tipo de autonomia como público que por vezes abdicamos em outros tipos de jogos de cena, de vida ou em outros espaços, como o teatro com cadeiras marcadas, por exemplo. Com uma dilatação intensa, a performance de Priscila Rezende trouxe uma provocação ao público ao questionar o que assistimos passivamente. Ao propor um jogo sobre o que permanecemos assistindo passivamente, se permanecemos, se nos retiramos, como olhamos. O trabalho dialoga com a trajetória política da artista e seus questionamentos sobre o posicionamento ético-estético do corpo negro e suas representações no campo simbólico-social. Observamos no trabalho a revisão de um ponto de vista histórico, que relaciona a escravidão e outras formas de dominação aos preceitos religiosos, especialmente os cristãos, através da atualização que a performance permite como um tipo de ritual. Atualização que ainda nos mostra a permanência de um tipo de segregação racial, social, informacional, de gênero, entre outras hierarquias simbólicas impostas aos corpos desde dentro, pelo desejo, mas com a marca do que é de fora, da pele, da ordem da aparência e do discurso. Compartilhamos com a artista um tipo de tensão crescente, uma suspensão no tempo e no espaço aberto que existe no fundo da galeria. Algumas pessoas saíram, outras permaneceram enquanto Priscila continuava amarrada. De repente, fui chamada por uma pessoa do público que não conhecia a artista ou mesmo o evento. Ele queria saber se o tipo de trabalho que estava acontecendo naquele momento permitia que o público pudesse interferir. Eu disse que sim, que essa era uma característica da performance. E assim, ele foi até a artista e soltou suas mãos, permitindo que ela deixasse o espaço. Após sua saída, o público ainda permaneceu por algum tempo

observando o rastro da corda que ficou pendurada no paredão como uma memória aberta e por demais incômoda. Mais difícil ainda é constatar a reflexão sobre como lidamos com essa memória, como público e/ou como cidadãos no mundo. Esse jogo que o trabalho propôs foi muito potente para discutir as leituras das imagens que se desprenderam da ação. Como assistimos o mundo e o que acontece nele, agora ou há bastante tempo? Após a performance, fui questionada por um grupo de pessoas que estava no público sobre os significados do trabalho. Devolvi a pergunta prontamente, afinal, acredito que há muitas possibilidades de interpretação sensorial diante de um trabalho tão complexo como o que havíamos acabado de testemunhar. Ouvi algumas dúvidas, inclusive se havíamos presenciado um tipo de ritual em que a artista poderia estar buscando uma espécie de cura. “Ela está doente? Por isso ele estava batendo dela?”, me perguntaram. O que enxergamos? Como vemos um tipo de ação performática? Que tipo de energia pode reverberar desse tipo de arte? Fiquei muito mobilizada com toda a experiência, comovida diante da coragem da performer, impressionada com a quantidade de sensações e pensamentos que passaram por mim e, acredito, pelas outras pessoas que testemunharam o trabalho. Embora suficientemente violenta, a ação também provocou questionamentos sobre seu ritmo. Mais de uma pessoa presente discutiu se o trabalho não seria mais potente como performance se tivesse estabelecido uma relação crescente do açoitado, colocando uma pergunta sobre a opção estética da artista de realizar uma ação linear e programada no tempo e na intensidade dos sinos da igreja. Essa sensação ambígua se transformou durante a ação e essas mesmas pessoas perceberam como a proposta da artista trouxe uma reflexão ainda mais importante sobre o que estamos acostumados a ver, sobre como desejamos enxergar a vida ou a performance. Que desejo é esse? Quão grande tem que ser um acontecimento para que nos comova? Que tipo de perversidade mobiliza o olhar diante dos limites do corpo do outro? No fundo de cada um, mais de uma pergunta sobre como exercemos a presença diante da ação artística, de como enxergamos o que acontece, de como estamos condicionados a perceber a ação do corpo e entre os corpos na arte e no mundo.